

ARTIGO

O OLHAR QUE EDUCA E ACOLHE: DIÁLOGOS ENTRE MONTESSORI E PSICANÁLISE NA FORMAÇÃO DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTILDimas Cássio Simão¹**RESUMO**

A formação de professoras para a Educação Infantil frequentemente prioriza aspectos técnicos em detrimento da subjetividade e do cuidado integral. Este artigo propõe uma reflexão sobre como a articulação entre o método Montessori e conceitos psicanalíticos pode fundamentar uma prática docente mais respeitosa. O objetivo é analisar como a “observação científica” montessoriana, aliada à noção psicanalítica de “ambiente facilitador”, pode instrumentalizar as professoras para acolher a criança em seu ritmo e história, minimizando intervenções adultas potencialmente traumáticas. Trata-se de um ensaio teórico reflexivo que sugere que a formação em serviço deve promover um olhar ético, capaz de distinguir as demandas da criança das projeções do adulto, garantindo assim um desenvolvimento infantil mais saudável e autônomo.

Palavras-chave: Educação Infantil, Formação de Professores, Psicanálise, Montessori, Observação.

ABSTRACT

Teacher training for early childhood education usually prioritizes technical aspects to the detriment of subjectivity, besides integral care. This paper aims to propose a reflection about how the articulation of Montessori method and psychoanalytic concepts may base a more respectful teaching practice. The goal is analyzing how a Montessori scientific observation combined with the psychoanalytic notion of "facilitating environment" may instrumentalize teachers to welcome children in their rhythm and history, so that reducing potentially traumatic adult interferences. This is a reflective theoretical essay, which suggests that in-service training should promote an ethical

¹ Professor do Centro Universitário Sumaré no Instituto de Educação e Coordenador do curso de Licenciatura em Matemática no Centro Universitário Sumaré

perspective, able to distinguish child's demands from adult projection, so that assuring a more health and independent child development.

Keywords: childhood education, teacher training, psychoanalysis, Montessori, observation,

1 INTRODUÇÃO

A Educação Infantil, etapa que abrange crianças da creche até os cinco anos de idade, demanda do profissional docente uma atuação que integre, de forma indissociável, o cuidar e o educar. Nesse contexto, as professoras assumem um papel fundamental no desenvolvimento das crianças, sendo frequentemente as principais referências de cuidado e mediação de experiências nos primeiros anos de vida. No entanto, observa-se que a formação inicial e continuada dessas profissionais, em muitos casos, privilegia aspectos metodológicos e curriculares, deixando em segundo plano a dimensão subjetiva envolvida no ato de educar crianças pequenas.

Essa lacuna formativa pode gerar consequências significativas tanto para as professoras quanto para as crianças. Quando não instrumentalizadas para compreender as manifestações emocionais e comportamentais da infância, as educadoras podem, inadvertidamente, reproduzir práticas autoritárias ou apressadas, desrespeitando o ritmo e a singularidade de cada criança. Tal cenário torna-se especialmente delicado quando considerado que, conforme a psicanálise freudiana, experiências vividas na primeira infância podem constituir marcas duradouras na vida psíquica adulta.

Diante desse quadro, este artigo tem como objetivo geral refletir sobre como a formação em serviço de professoras da Educação Infantil pode se beneficiar da articulação entre o método Montessori e conceitos psicanalíticos para promover uma prática mais respeitosa e protetiva ao desenvolvimento infantil. Como objetivos específicos, busca-se: (a) explorar o conceito de observação científica em Montessori e sua relação com a escuta psicanalítica; (b) discutir o papel do adulto como preparador do ambiente e continente das emoções infantis; e (c) propor diretrizes para uma formação que considere a subjetividade do trabalhador da educação.

A justificativa para este estudo reside na necessidade de humanizar a formação docente, acolhendo a subjetividade tanto da criança quanto da professora, e na compreensão de que a qualidade do vínculo estabelecido na primeira infância impacta diretamente a constituição psíquica e a relação futura com o saber.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para fundamentar a reflexão sobre a formação de professoras na Educação Infantil, é necessário articular concepções pedagógicas e psicanalíticas que coloquem a criança no centro do processo, não como um objeto a ser moldado, mas como um sujeito de direitos e em desenvolvimento. Neste sentido, recorre-se aos princípios de Maria Montessori sobre a autonomia e observação, e aos conceitos psicanalíticos acerca do cuidado e do ambiente emocional.

2.1. A Criança em Montessori: Autonomia e o Papel do Adulto

Maria Montessori revolucionou a educação ao propor que a criança possui uma "mente absorvente", capaz de aprender espontaneamente a partir do contato com o mundo nos seus primeiros anos de vida (MONTESSORI, 1987). Para a autora, a educação não é algo que o adulto dá à criança, mas um processo natural que se desenvolve espontaneamente. O papel do adulto, portanto, desloca-se do centro da ação para uma posição de observador atento.

Nessa perspectiva, o "ambiente preparado" é essencial. Ele deve ser organizado, acessível e seguro, permitindo que a criança explore e aprenda no seu próprio ritmo. Montessori enfatiza que a liberdade da criança deve ser limitada apenas pelo interesse coletivo, mas nunca pela conveniência do adulto. A formação da professora, sob esse viés, deve instrumentalizá-la para conter o impulso de intervir constantemente, aprendendo a observar cientificamente as necessidades reais da criança, respeitando seu tempo biológico e psíquico (MONTESSORI, 1987).

2.2. A Dimensão Emocional na Psicanálise: Fantasia, Vínculo e Ambiente

Se Montessori oferece a base pedagógica da observação, a Psicanálise contribui com a compreensão da subjetividade e do vínculo. Sigmund Freud alertou que as experiências na primeira

infância constituem a base da vida psíquica adulta, onde traumas ou negligências podem deixar marcas duradouras (FREUD, 1986). No contexto escolar, o foco não é investigar o inconsciente da criança, mas garantir que o ambiente não seja fonte de sofrimento psíquico.

Nesse sentido, Melanie Klein traz uma contribuição vital para a educação infantil ao descrever a vida emocional intensa dos primeiros anos. Para a autora, a criança lida desde cedo com fantasias inconscientes e sentimentos ambivalentes de amor e ódio, que fazem parte de seu desenvolvimento natural (KLEIN, 2025). Muitas vezes, comportamentos como agressividade, mordidas ou choros intensos não são ataques pessoais à professora, mas expressões de angústias internas que a criança ainda não consegue elaborar sozinha.

Compreender essa dinâmica é fundamental para a formação docente. Quando a professora entende que o "ódio" da criança é parte de sua natureza em construção e não uma rejeição ao seu trabalho, ela deixa de reagir punitivamente. Donald Winnicott complementa essa visão com o conceito de "ambiente facilitador". Para ele, não existe bebê isolado; existe sempre um bebê e alguém que o cuida. A qualidade desse cuidado, denominado **holding** (sustentação), oferece a segurança necessária para que a criança integre sua personalidade (WINNICOTT, 1983).

Na Educação Infantil, a professora ocupa parcialmente esse lugar de sustentação. Quando o ambiente escolar é rígido ou invasivo, ele falha como "facilitador", podendo gerar angústias que interferem na aprendizagem. Assim, a psicanálise kleiniana e winnicottiana converge para a necessidade de um adulto que suporte as emoções da criança sem retaliar, oferecendo contenção em vez de punição.

2.3. Convergências para a Formação Docente

A articulação entre esses dois campos revela um ponto de encontro fundamental: a importância do olhar do adulto. Tanto para Montessori quanto para a Psicanálise, o adulto deve ser um guardião do desenvolvimento infantil. A formação em serviço, portanto, não deve se restringir a técnicas de ensino, mas deve promover uma postura ética de respeito à humanidade da criança.

Segundo Kupfer (1989), a educação é um encontro com o impossível, pois lida com o tempo do sujeito que não se controla totalmente. Assim, formar professoras significa ajudá-las a tolerar a

incerteza e o tempo da criança sem tentar dominá-los. Quando a professora é formada para observar e conter suas próprias ansiedades, ela evita atuar sobre a criança de maneira impulsiva. Isso não configura uma terapia para a docente, mas uma qualificação profissional que protege a criança de intervenções adultas potencialmente traumáticas, garantindo um espaço onde cuidar e educar são atos indissociáveis de respeito à vida.

3. METODOLOGIA

O presente trabalho caracteriza-se como um ensaio teórico reflexivo, de abordagem qualitativa. O procedimento metodológico consistiu em uma revisão bibliográfica narrativa, visando articular conceitos da Pedagogia Montessori e da Psicanálise (Freud, Klein e Winnicott) no contexto da formação de professoras para a Educação Infantil.

A seleção das obras baseou-se na relevância dos autores para a compreensão do desenvolvimento infantil e do papel do adulto, privilegiando textos que discutem a observação, o ambiente e a vida emocional na primeira infância. Além da fundamentação teórica, a reflexão foi construída a partir da experiência prática do autor na formação de professores, utilizando-se da vivência profissional como lente para analisar a aplicabilidade dos conceitos psicanalíticos e pedagógicos no cotidiano escolar.

Não houve coleta de dados empíricos, pois o objetivo não é mensurar resultados, mas propor uma discussão conceitual que possa subsidiar novas práticas na formação em serviço. A análise dos materiais ocorreu por meio da leitura crítica e comparação das ideias dos autores, buscando pontos de convergência que justifiquem a necessidade de um olhar mais sensível e preparado por parte das educadoras.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO

A articulação entre os princípios Montessorianos e os conceitos psicanalíticos permite uma leitura diferenciada sobre a prática docente na Educação Infantil. Ao analisar a formação de

professoras sob essa ótica, observa-se que o principal “dado” a ser transformado é o olhar da educadora sobre a criança e sobre si mesma.

Primeiramente, a observação científica proposta por Montessori, quando atravessada pela escuta psicanalítica, deixa de ser apenas um monitoramento de comportamentos para se tornar uma ferramenta de compreensão subjetiva. Na prática, isso significa que diante de uma criança que chora incessantemente ou que apresenta agressividade, a professora formada nesse viés não busca apenas “estancar” o comportamento. Ela se pergunta sobre o significado daquilo. Conforme aponta Klein (2025), a agressividade infantil muitas vezes deriva de fantasias internas e da dificuldade em lidar com sentimentos ambivalentes de amor e ódio. Se a professora entende isso, ela não personaliza o ataque (“ela me odeia”), mas o compreende como parte do desenvolvimento (“ela está elaborando uma angústia”). Isso evita respostas punitivas que poderiam ser traumáticas.

Em segundo lugar, a noção de tempo e ritmo é crucial. A pressão institucional por resultados ou por silêncio em sala de aula frequentemente colide com o tempo da criança. Montessori (1987) defende que o respeito ao ritmo biológico e psíquico é fundamental para a autonomia. Na análise da prática docente, percebe-se que quando a professora é autorizada a respeitar esse tempo, ela reduz sua própria ansiedade. Winnicott (1983) complementa ao afirmar que o adulto deve oferecer um “ambiente facilitador”. Se a professora está ansiosa ou sobrecarregada, ela não consegue exercer essa função de contenção (*holding*). Portanto, a formação em serviço deve incluir espaços para que a professora elabore suas próprias dificuldades, não como terapia, mas como qualificação profissional para não descarregar suas tensões sobre as crianças.

Por fim, a análise revela que a prevenção de traumas na infância passa pela saúde mental do adulto que cuida. Uma professora que se sente acolhida em sua formação, que entende as demandas emocionais da infância e que possui ferramentas para observar sem julgar, tende a criar vínculos mais seguros. Isso não elimina os desafios da profissão, mas transforma a maneira como eles são enfrentados. O ambiente preparado deixa de ser apenas físico (móveis e materiais) e passa a ser também emocional, um espaço onde a criança se sente segura para ser quem é, sem medo de represálias por suas manifestações naturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou refletir sobre como a formação em serviço de professoras da Educação Infantil pode se beneficiar da articulação entre o método Montessori e conceitos psicanalíticos para promover uma prática mais respeitosa e protetiva ao desenvolvimento infantil. Ao longo da discussão, evidenciou-se que o olhar da educadora é o principal instrumento pedagógico e que sua qualificação deve ir além das técnicas, alcançando a dimensão ética e subjetiva do cuidado.

Constatou-se que a observação científica montessoriana, quando enriquecida pela escuta psicanalítica, permite à professora compreender as manifestações infantis — como choro, agressividade ou retraimento — não como problemas a serem corrigidos, mas como expressões de um sujeito em construção. A contribuição de Melanie Klein, em especial, ajuda a despersonalizar comportamentos desafiadores, lembrando que a criança lida com fantasias e sentimentos intensos de amor e ódio que fazem parte de sua natureza. Compreender isso é fundamental para evitar intervenções punitivas que possam marcar negativamente a trajetória emocional da criança.

Além disso, a noção de ambiente facilitador (WINNICOTT, 1983) e de ambiente preparado (MONTESSORI, 2017) convergem para a ideia de que a escola deve ser um espaço de segurança física e emocional. Para que isso ocorra, a formação de professoras precisa oferecer condições para que elas próprias se sintam acolhidas e instrumentalizadas, não como pacientes em terapia, mas como profissionais que lidam com a complexidade humana. Quando a professora é formada para tolerar a incerteza, respeitar o ritmo infantil e conter suas próprias ansiedades, ela se torna uma guardiã do desenvolvimento saudável.

Por fim, conclui-se que minimizar os efeitos de possíveis traumas na infância não depende de uma ação terapêutica direta da escola, mas de uma postura pedagógica informada pela sensibilidade. A formação em serviço, portanto, deve priorizar o desenvolvimento de um olhar ético, capaz de distinguir as demandas da criança das projeções do adulto. Assim, cuidar e educar tornam-se atos indissociáveis de respeito à vida, contribuindo para que as crianças de hoje se tornem adultos mais saudáveis, autônomos e plenos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. In: _____. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KLEIN, Melanie. A Psicanálise de crianças. São Paulo: Ubu Editora/Imago, 2025.

KUPFER, Maria Cristina M. Freud e a educação: o mestre do impossível. São Paulo: Scipione, 1989.

MONTESSORI, Maria. A mente absorvente da criança. São Paulo: Nona Edição, 1987.

MONTESSORI, Maria. A descoberta da criança: pedagogia científica. Campinas, SP: Kírion, 2017.

WINNICOTT, Donald W. O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed, 1983.